

O AMIGO DO POVO

MUITAS vezes penso que a impopularidade é condição fundamental, e imprescindível, do verdadeiro amigo do povo, daquêlê que verdadeiramente o considera e lhe respeita a dignidade humana. Sei quanto tal conceito parecerá paradoxal e avatio bem a sua especiosidade. Prossigo, porém.

Amar o povo consiste primacialmente em desejar libertá-lo da sua condição de «massa», investindo-o cada vez mais da consciência da sua dignidade humana; consiste em não o considerar um rebanho, mas um conjunto de inteligências e de vontades que conscientemente se podem e devem afirmar.

Um tal amor implica grande respeito do amigo do povo por si mêmso, pelo povo e consciência profunda da eminente dignidade da obra social a que se votou.

Não basta desejar melhorar as condições económicas do povo, pois que essa melhoria é um simples meio e é criminoso ou é estulto tomar o meio como fim. Além disso, tal melhoria é inevitável e não é possível compreender a continuação da marcha da humanidade sem que tal se realize. A transformação económica do mundo tem a inevitabilidade do que é fatal, e verdadeiramente todos nela somos agentes—mêmso, senão principalmente, os que se lhe querem opôr.

Não é verdadeiramente amigo do povo aquêlê que julga ou quere inculcar ao povo que lhe basta a melhoria material. Se não considerarmos no homem acima de tudo o espirito,

inevitavelmente o teremos de considerar simples máquina de produção de estrume. E é considerá-lo bem pouco. De resto, o direito dos próprios bens materiais é o espirito que o afirma e sustenta, porque a necessidade apenas deseja satisfazer-se e, satisfeita, repousa na digestão ou no sôno.

O verdadeiro amigo do povo não se atêm, pois, à questão económica; vai além dela e o que acima de tudo lhe interessa é a progressiva «aristocratização» do povo pela revelação, desenvolvimento e aproveitamento de todas as capacidades superiores que êle contem.

Por isso, o pedagogo ama melhor o povo que o tribuno, porque o pedagogo não lhe diz, como o tribuno, aquilo que o lisongeia ou lhe apraz—mas tão-somente aquilo que lhe convém.

Lisongear o povo é sempre atraioá-lo, e nada menos digno do que, para lhe agradar, vir participar das suas inferioridades apontando-lhas como virtudes, assim como nada é menos cortez que vir falar-lhe a sua linguagem. Amar o povo não é descer até êle—é fazê-lo elevar até nós—os mais cultos. E' o espectáculo da altitude que suscita o desejo da ascensão—é o espectáculo da verdadeira grandeza que desperta a inconformidade com a nossa pequenez. Só o que é verdadeiramente grande é capaz de ser dignamente amigo do povo, porque só êle terá ânimo para o servir sem cair na tentação da recompensa—porque só êle, pelo exemplo, lhe pôde revelar a extraordinária capacidade de grandeza de que é capaz o homem.

por CASTELO BRANCO CHAVES